

HOMEM E CIVILIZAÇÃO

O livro que aqui se resume e comenta ⁽¹⁾ é póstumo e formado de notas que o fundador da Psicologia Experimental em França foi redigindo nos últimos anos de vida, quando a doença o afastou para sempre do seu laboratório. Tinha então mais de 80 anos (1881-1964). A redacção é inteiramente sua e só o parágrafo final *Vues d'avenir*, impublicável, foi substituído por parte da conclusão do seu livro *De l'actinie à l'homme* (1958).

⁽¹⁾ HENRI PIÉRON, *L'homme, rien que l'homme. De l'anthropogénèse à l'homínisation*. 172 pp. Presses Universitaires de France, Paris, 1967.

YVES GALIFRET, que isto nos conta, em introdução, esclarece ainda que o livro não pretende ser um testamento filosófico, nem «a conclusão exaustiva da obra do Mestre desaparecido», mas tão-somente um feixe de reflexões em que o saber do biólogo e psicólogo se insere numa perspectiva de conjunto. Nós diremos, com mais precisão, que é uma pequena história do homem e das suas obras, escrita por um espírito racionalista que, em caso algum, recorre à intervenção do sobrenatural, donde o bem ajustado título de *L'homme, rien que l'homme*.

É escusado dizer quanto o livro pode interessar ao geógrafo, o que bem se avalia pela enumeração dos seus sete capítulos: *Les grandes lignes de l'anthropogénèse, Naissance et évolution de l'activité créatrice humaine, La confrontation Animal-Homme en psychophysiologie générale, Les niveaux supérieurs des aptitudes animales et l'intercommunication sociale, Les civilisations dans l'évolution de l'humanité, Les grandes lignes de l'évolution humaine, La perspective du civilisé mondial*.

O autor aproveita principalmente a informação de CAMILLE ARAMBOURG no capítulo sobre *As grandes linhas da antropogénese* (2). Aí se segue a evolução da espécie humana dos insectívoros ao *homo sapiens* e se sumariam as características essenciais da antropogénese. É uma síntese clara e correcta do problema, devendo dizer-se, no entanto, que, apesar dos progressos da pesquisa, realizada nos últimos decénios, não são tão seguras como se apresentam as conclusões deles decorrentes. E no que concerne à evolução da cultura na idade da pedra convirá elucidar que a arte rupestre de caçadores que se manifesta na África austral, tardia em confronto com a da Europa, não se deve apenas aos Bantos, mas inicialmente a Bochimanes ou Proto-bochimanes (3).

Movendo-se no domínio que lhe é próprio, e aqui com a autoridade do seu grande saber, o autor prova que, em relação à psicofisiologia geral, o homem se não diferencia dos outros animais, só os excedendo em níveis superiores, graças ao poder da sua inteligência. Com ela cria, acumula e transmite cultura, enquanto os restantes seres vivos têm de repetir milenariamente seu comportamento instintivo.

Sem menosprezar o progresso realizado na idade da pedra, considera PIÉRON, contudo, que a civilização só começa com o período neolítico, há pouco mais de 10 000 anos. E ainda assim de modo parcial, uma vez que, neste período e depois dele até aos nossos dias, continuam a viver populações voluntária ou forçadamente isoladas que não ascenderam à civilização. Por outras palavras: bárbaros e civilizados; e os primeiros, pré-neolíticos e de sempre, os primitivos actuais, na designação universalmente adoptada.

Mas porquê bárbaros os homens do Paleolítico Superior e Mesolítico ou os actuais Australianos, Bochimanes ou índios da Amazónia?

(2) Ver *L'homme avant l'écriture*, Collection «Destins du Monde», sob a direcção de A. Varagnac. Librairie Armand Colin, Paris, 1959, e ainda, de ARAMBOURG, *La genèse de l'humanité*, Collection «Que sais-je?», Paris, 1943.

(3) Ver A. R. WILLCOX, *The Rock Paintings of the Drakensberg*. London Max Parrish, 1960, p. 24.

É que o autor tem de civilização o conceito clássico e ainda usual, fora da Etnologia, de conjunto de conhecimentos, costumes, técnicas e artes correspondentes a um progresso material apenas alcançado com a revolução neolítica. Só então, mercê da sedentarização a que a agricultura conduz, os homens se organizam em comunidades com divisão do trabalho, fazem previsões, constroem aldeamentos e se entregam a trabalhos colectivos. E tudo isto possível pela invenção da linguagem, a que logo se seguiu a da escrita, que difundiu e fez crescer prodigiosamente a cultura.

Ora é de lembrar a este respeito que grupos humanos conscientemente organizados tê-los-á havido desde que surgiu o fenómeno da hominização e não se há-de supor que, por exemplo, entre os recolectores do Paleolítico Superior e Mesolítico não existissem divisão sexual do trabalho, entreajudas e aldeamentos. E de modo nenhum se deve crer que lhes faltasse uma linguagem articulada. Sem esta era impossível a aprendizagem e a transmissão de técnicas líticas tão apuradas e complexas como as do Paleolítico Superior e Mesolítico. Pois não se afirma já isto mesmo do homem de Neandertal? Como se hão-de ter, então, por bárbaras populações deste tipo? E o que é presumível no remoto passado torna-se observável nos actuais povos ditos primitivos.

Imbuído de um pensamento evolucionista à maneira antiga, pensa PIÉRON que estas sociedades estagnaram, se imobilizaram desde o Paleolítico, como se a cultura, obra do homem, não estivesse, como este, em perpétuo devir. Tal qual TYLOR, MORGAN ou FRAZER, da segunda metade do século XIX, considera-as nossas antepassadas contemporâneas, vivendo numa fase da cultura pela qual já passámos e igual à dos caçadores do Paleolítico. Nem pelo que toca à vida material, nem pelo que respeita à espiritual, esta ideia lhes convém. Não se nega, sem dúvida, um relativo imobilismo nos modos de vida dos nossos primitivos actuais, mas ainda aí, a uma análise minuciosa, não faltarão provas de transformação; e mais numerosas em relação à vida espiritual: modificam-se estruturas familiares, a organização política, criam-se mitos, inventam-se danças e cantos.

A ideia de uma bruteza ancestral correu tanto o mundo e insinuou-se com tal força em ambientes alheios aos estudos etnográficos que um espírito progressivo e subtil como PIÉRON quase se admira de serem os Australianos capazes de descobrir o *boomerang* e da acessibilidade dos indígenas da Terra do Fogo aos costumes europeus. Esquece, por exemplo, que é, em regra, mais complexa do que a dos «civilizados» a organização familiar dos «primitivos» e mais variadas as suas instituições. E uma outra falsa noção a que dá ouvidos é a da miséria e instabilidade dos primitivos. Nem são tão miseráveis como os faz, nem é assim grande a ameaça de extinção que sobre eles pesa. Vai o erro ao ponto de afirmar — cito o caso que conheço — que os Bochimanes estão extintos ou praticamente extintos, quando, em verdade, o seu número tem aumentado nos últimos anos, computando-se hoje em cerca de seis dezenas de milhares.

Tudo se nega aos primitivos e até o pensamento abstracto e línguas que correlativamente o exprimam. Ora não falta tal pensamento nem adequados recursos vocabulares e estilísticos. E, quanto a considerar as línguas escritas como único veículo da civilização, é não ter em conta as trocas recíprocas de cultura que as línguas de exclusiva expressão oral permitem.

Evoca o autor e traça com mão firme e boa informação quadros sumários das primeiras grandes civilizações hoje desaparecidas: a da Suméria, egípcia, etrusca, hitita, incaica e civilizações mexicanas pré-colombianas. Ocorre, neste ponto, perguntar: nasceu e morreu a civilização egípcia sem deixar influências no mundo moderno? Que dizer, então, do muito que os Gregos aprenderam com os Egípcios e dos vestígios, que são muitos, da cultura egípcia nas populações negras do sul do Sahara? Delineia, depois, um esquema dos grandes impérios e civilizações a que se liga o mundo moderno. E, na formação do ideário deste, põe em grande e merecido relevo a influência da cultura grega. E surgem, a propósito, tópicos, como Ciência, Humanismo, Democracia.

E a terminar vem uma apreciação optimista da civilização actual, com algumas palavras sobre sua futura evolução.

Generoso e idealista, PIÉRON começa a ver no mundo uma nova espécie de homem, único no planeta, participando de sociedades que todas têm, por pequenas que sejam, sua voz na sociedade universal dos homens (ONU), onde se evitam conflitos e o espírito é de cooperação. Já triunfa o direito da liberdade do pensamento e as religiões manifestam tolerância recíproca. E tudo isto sem quebra das variações individuais, que tornam possível o aparecimento dos génios, por via dos quais a humanidade se enriquece, e cada vez mais numerosos, graças à democratização do ensino.

Mas o biólogo e psicólogo põe um limite à sua crença de progresso indefinido: o homem nascido na natureza viverá prisioneiro dela por maiores que sejam suas conquistas. Toda a sua acção será de ajustamento a essa realidade e vão os esforços na busca de absolutos ou eternidades.

Não sabe prever o futuro longínquo: talvez a terra fique e o homem passe; e se, por qualquer cataclismo, a civilização fosse destruída e sobre a terra ficassem alguns seres humanos muitos jovens, um novo e longo percurso se iniciaria a caminho da civilização.

Mergulhado no seu laboratório de Psicologia Experimental, manteve o autor desperto o seu interesse pelo mundo humano a que pertencia. E não quis morrer sem deixar um apontamento sobre a visão global que dele tinha. Vivendo a maior parte da vida no fim do século passado e primeira metade deste, é necessariamente da sua época, apesar da modernidade dalguns dos seus conceitos. Dá um aceno ao presente, mas mergulha as raízes no passado; não possui, por outro lado, a experiência do etnólogo, o que tudo explica as objecções que lhe fizemos. Com as cautelas que estas sugerem, afigura-se-nos muito proveitosa a leitura deste livro.

* * *

A modo de apêndice, indicam-se alguns textos que se julgam suficientes para esclarecer e actualizar leitores menos prevenidos em matéria antropológica sobre os conceitos de cultura e civilização e de primitivos e civilizados.

Explicação clara e sintética da história das noções de primitivo e civilizado é a do n.º 4 (pp. 88-93) do capítulo sobre «O problema do relativismo cultural» (88-97), vol. I do livro de MELVILLE J. HERSKOVITS — *Antropologia Cultural*, S. Paulo, Editora Mestre Jou, 1963, traduzido da 8.ª edição inglesa *Man and his Works*, New York, A. Knopf, 1960. Recomendável também a leitura do capítulo 2 (pp. 27-33) «Culture and its laws: savages and civilized people», da obra do etnólogo dinamarquês KAJ BIRKET-SMITH — *The Paths of Culture*, The University of Wisconsin Press, Madison and Milwaukee, 1965. Aqui se assinala que não há povos selvagens, no sentido próprio deste vocábulo, e povos civilizados; também aqueles aproveitam do progresso da sua experiência no tempo e se considera que entre uns e outros há uma diferença de grau que não de essência e que só no domínio do conhecimento os *civilizados* se adiantam aos *primitivos*, sem que isso signifique, nestes, menos aptidão intelectual. Alude-se ainda, para se rejeitarem as noções de mentalidade colectiva e mentalidade pré-lógica de DURKHEIM e LÉVY-BRUHL e a do esquizofrenismo de FREUD. É uma convincente e admirável síntese dos problemas citados. São de ler, igualmente, o capítulo X (pp. 109-113) «De la Sociologie à l'Ethnologie: l'Ethnologie française» do livro de JEAN POIRIER — *Histoire de l'Ethnologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1969, onde de novo se põe o problema de *primitivos* e *civilizados*, com exposição das ideias de LÉVY-BRUHL, e a conclusão «Pour une Sociologie de l'Ethnologie», em que se referem os caracteres da Etnologia científica e temas como superação do etnocentrismo, identidade do espírito humano, civilização e civilizações.

E o leitor que quiser ter uma ideia geral e segura da evolução dos mencionados conceitos poderá ler a «Introdução» (pp. 19-32) do livro de FRANZ BOAS, *The Mind of Primitive Man*, New York, The Free Press, 1965, o livrinho de PAUL MERCIER — *Histoire de l'Anthropologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1966, e a já citada *Histoire de l'Ethnologie* de POIRIER.

M. VIEGAS GUERREIRO